

OK Bookchin

No Wing

12/11/2019

Talvez não haja nenhum pensador moderno que tenha feito mais para prejudicar o termo “anarquismo” do que Murray Bookchin. Além de toda repressão física ao longo dos séculos, tanto de capitalistas quanto de comunistas, direita e esquerda, o artigo de Bookchin, “Anarquismo Social ou Anarquismo de Estilo de Vida: Um abismo intransponível”, permanece como o exemplo mais notável de sabotagem ideológica contra o anarquismo.

Até o título da peça é uma mentira. A única razão pela qual esse “abismo” existe é porque Bookchin e seus seguidores têm falado sobre isso nos últimos 20 anos. Além disso, o anarcoindividualismo e o anarquismo social compartilham uma longa história de tolerância mútua, se não de trabalho conjunto. Bookchin convenientemente ignora o fato de que muitos anarcoindividualistas eram membros da Primeira Internacional, ao lado dos anarquistas sociais e até marxistas. Pode ter havido tensão entre esses grupos, mas não havia abismo, pois não havia abismo até que Bookchin criasse um.

Bookchin começa contando a história do anarcoindividualismo, certificando-se de rotulá-lo como terrorista muito rapidamente:

“os anarcoindividualistas envolveram-se em atos de terrorismo que terminaram por dar ao anarquismo uma imagem de conspiração sinistra e violenta”.

Isso é patentemente falso, como mostrado na obra “The Anarchist Beast” de Nhat Hong. Se Bookchin soubesse do que está falando, ele saberia que a tendência de rotular anarquistas como terroristas já era forte mesmo antes da década de 1880. Sim, alguns anarquistas individualistas eram terroristas, mas o anarquismo já estava em grande parte associado a esse rótulo. Não foram os feitos de terroristas que estabeleceram o rótulo, foi o medo dos que estão no poder e sua necessidade de desacreditar o anarquismo.

“Apesar da confissão ideológica anarco-comunista, nietzschianos como Emma Goldman continuaram, em espírito, bem próximos dos individualistas.”

Aqui, vemos Bookchin usando Nietzsche como se seu nome fosse algum tipo de calúnia, além de usá-lo para desacreditar Emma Goldman. Goldman fez muito mais para o avanço da anarquia neste mundo do que Bookchin jamais fez, e frequentemente o fez lado a lado com mais anarquistas de inclinação social. Onde está o abismo então? É claro que Bookchin deseja dispensar Goldman, já que a própria vida dela refuta sua tese.

“O período mal permitiu aos individualistas, em nome de suas “unicidades”, ignorarem a necessidade de formas de organização realmente revolucionárias, com programas coerentes e persuasivos.”

Saindo do século XVII e início do XVIII, Bookchin avança no tempo, sugerindo que os anarquistas sociais do período passado tinham “programas convincentes”. Quais foram esses programas exatamente? Aliar-se ao fascismo vermelho stalinista na Espanha e serem assassinados? Enquanto os anarquistas individualistas podem ter se concentrado em ações de menor escala, as ações de maior escala dos anarquistas sociais da década de 1930 terminaram literalmente em fascismo. Eu dificilmente chamaria isso de convincente ou coerente.

“Essas posturas modernas e vaidosas, quase todas resultado de uma moda yuppie...”

É por volta desse ponto no texto que Bookchin abandona sua versão delirante da história e passa a meros ataques ad hominem e meras reclamações. Bookchin é a última pessoa que deveria reclamar de qualquer coisa relacionada à moda! Olhe o chapéu dele! Bookchin constantemente se parece com a aparência que ele acha que um trabalhador deveria ter, e poderia realmente ter algum senso de moda diferente da sua autointitulada “moda de linha de montagem”.

“os anos 1990 estão transbordando de autointitulados anarquistas que — desconsiderando a retórica radical e exibicionista — vêm cultivando um anarcoindividualismo moderno, que chamarei de anarquismo de estilo de vida. Suas preocupações com o ego, sua unicidade e seus conceitos polimorfos de resistência vêm, a todo momento, desgastando o caráter socialista da tradição libertária”.

Aqui, Bookchin tenta cunhar o anarquismo individualista como algo que ele criou, um “anarquismo de estilo de vida”, se você quiser. Ele afirma que o anarquismo de estilo de vida corrói o caráter socialista do anarquismo? Que assim seja! A tradição socialista no anarquismo é o que tem levado historicamente anarquistas a se tornarem amigos e mais tarde assassinados por socialistas e comunistas. Se a erosão desse caráter socialista é o que é preciso para os anarquistas pararem de pensar que as tradições esquerdistas têm seus melhores interesses no coração... Que se eroda!

“O ego — mais precisamente sua encarnação em vários estilos de vida — tornou-se uma ideia fixa para muitos anarquistas pós-1960, que estão desistindo da oposição organizada, coletiva e programática à ordem social existente”.

O que Bookchin não percebe é que esse tipo de “oposição” programática e coletivista se enraizou na própria ordem social. A política de massa, com seus programas de mudança social, tornou-se parte do status quo. O próprio sistema prefere muito mais que as pessoas imitem suas estruturas e joguem dentro de suas regras, em oposição às formas infinitamente diversas de resistência disponíveis para todos os indivíduos a qualquer momento. O estado sabe como lidar com a mesma resistência dogmática que enfrenta há séculos. Não está preparado para explosões de individualidade, fluidas e inumeráveis em seu alcance.

“O anarquismo de estilo de vida, assim como o anarcoindividualismo, despreza a teoria...”.

Sim! Nós desprezamos! Desprezamos aqueles que fetichizam o pensamento, enquanto se esquivam da ação. Ao contrário de Bookchin, que passou a vida escrevendo dezenas de livros e muitos artigos fora deles, os individualistas veem o mundo como um pergaminho sobre o qual escrever. Ação vale mais do que um milhão de palavras e também é a maneira mais eficaz de gerar mais ação. As pessoas têm teorizado sobre as mesmas coisas há séculos, com poucos resultados. Foram aqueles que se comprometeram a praticar a teoria, ao invés de mergulhar nela, que fizeram as mais fortes posições contra o governo.

“O anarquismo pagará caro se permitir que este absurdo substitua os antigos ideais libertários.”

E aqui é onde vemos que Bookchin não está muito interessado em se opor ao governo, pois está usando o anarquismo como método de controle. Como evidenciado acima, Bookchin se preocupa mais com o anarquismo como uma ideologia estática, do que como uma tentativa fluida das pessoas de não serem governadas. Ele está preocupado com o anarquismo como uma entidade monolítica, porque como uma ideologia singular e dogmática, o anarquismo se torna outra caixa para conter as ideias das pessoas e, assim, controlar as ações das pessoas.

“Dessa forma, em vez de descobrir as fontes das patologias pessoais e sociais contemporâneas, a antitecnologia substitui, ilusoriamente, o capitalismo pela tecnologia, algo que facilita a acumulação de capital e a exploração do trabalho, causas evidentes do crescimento e da destruição ecológica. A civilização, representada pela cidade como um centro de cultura, é despida de suas dimensões racionais. Como se a cidade fosse um câncer que não diminui, e não a esfera com potencial para a universalização das relações humanas...”

Bookchin também tenta atacar correntes de pensamento como o primitivismo e a anticivilização, mas na verdade apenas prova que não entende a crítica que essas vertentes estão fazendo. As ideias anticivilização geralmente não são “antitecnologia”, mas insistem na honestidade sobre a tecnologia. A tecnologia que existe, existe por causa de um sistema de coerção globalizado. Como anarquistas, precisamos ser críticos deste sistema e entender que sem a coerção a tecnologia moderna simplesmente não existiria. Aqueles que criticam a tecnologia geralmente não se opõem à tecnologia em si, mas à maneira como a tecnologia é produzida. A afirmação de Bookchin de “antitecnologia” é um mal-entendido ou uma falsificação proposital.

Também é importante notar que Bookchin vulgariza novamente o primitivismo e as ideias anticiv ao equiparar civilização a cidades. Ele não se atreve a abordar algo como a ideia de Fredy Perlman de

civilização como as raízes de toda hierarquia... Como simples governo. Em vez disso, Bookchin mostra sua covardia ao abordar as ideias anticiv com um nível de compreensão de meme delas, evitando aqueles que refletiram mais sobre o assunto.

“O anarquismo de estilo de vida deve ser compreendido no atual contexto social, que envolve guetos negros desmoralizados, subúrbios brancos reacionários e também as reservas indígenas, ostensivos centros de ‘primalidade’ nos quais gangues de índios jovens trocam tiros entre si, o tráfico de drogas cresce a cada dia e os ‘graffitis saúdam os visitantes até mesmo no monumento sagrado de Window Rock’...”.

E, claro, nenhum discurso de velho branco estaria completo sem algumas declarações que acabam soando como um racismo confuso. Bookchin na verdade tenta reivindicar que o anarquismo individualista/de estilo de vida é responsável ou relacionado à marginalização severa de pessoas de cor?! Acredito que a responsabilidade seja do capitalismo e das estruturas racistas que ele criou, não de algum espectro individualista.

“O anarquismo social, a meu ver, possui uma essência completamente diferente por ser herdeiro da tradição iluminista...”

Finalmente, Bookchin se revela, após o racismo velado, e vem com uma admissão de seus verdadeiros antepassados... Os arquetípicos “velhos brancos” do Iluminismo. O anarquismo de Bookchin não está enraizado em um simples desejo de “não haver governantes”, mas está vinculado à supremacia branca liberal dos ideais do Iluminismo.

“o comunalismo constitui a dimensão democrática do anarquismo, no sentido de uma administração majoritária da esfera pública.”

Bookchin não consegue se livrar das ideias estatistas, enquanto prossegue falando sobre sua noção de comunalismo. Bookchin não para para pensar: “E se a maioria não quiser administrar nada?”. Para ele, o anarquismo é apenas mais um sistema de governo, embora “majoritário”. O anarquismo para ele se torna menos sobre “não haver governantes” e mais sobre “todos governam”.

“O ‘indivíduo’ soberano e autossuficiente não vem constituindo uma base segura para fundamentar uma perspectiva libertária de esquerda”.

Claramente, Bookchin não acredita em qualquer tipo de igualitarismo “de baixo pra cima”, ou então ele não seria tão rápido em despedir o indivíduo. Indivíduos livres e com poderes constituem sociedades livres e com poderes e devem ser absolutamente a base da liberdade. Não se pode impor um sistema às pessoas e, em seguida, chamá-las de livres, não importa quão inclusivo seja o sistema.

“A democracia não é antitética ao anarquismo; as decisões pela maioria e não consensuais também não são incompatíveis com uma sociedade libertária”.

Qualquer tipo de regra... Qualquer tipo de decisão não consensual é antitética ao anarquismo. Aqui, novamente, Bookchin mostra seu desejo de controlar os outros em nome da liberdade. Ele literalmente tenta reconciliar as próprias ferramentas do estado com o anarquismo!

“Deveria estar claro para qualquer um que não tenha sido entorpecido por Stirner ou por outros de seu tipo, que nenhuma sociedade pode existir sem estruturas institucionais”.

Novamente, seu estatismo flagrante é exposto. “Estruturas institucionais” não é simplesmente outro nome para “governo”? É claro que, dados os muitos projetos sociais que Bookchin criou durante sua vida, é claro que Bookchin se via à frente, ou pelo menos um teórico dessas “estruturas institucionais”. Bookchin é incapaz de rejeitar essas estruturas, porque as vê como instrumentos a serem usados para governar os outros.

“É certo que já não é mais possível, do meu ponto de vista, chamar alguém de anarquista sem adicionar um adjetivo qualificativo que o distinga dos anarquistas de estilo de vida”.

E, novamente, Bookchin mostra que é ele quem está tentando diluir o anarquismo, tentando adicionar qualificadores e apêndices a ele. Se o anarquismo pode ser obscurecido por adjetivos, então seu verdadeiro significado de “sem governantes” pode ser diluído e até mesmo mudado para outra coisa.

“A mera oposição ao Estado pode muito bem unir o lúmpen fascista com o lúmpen stirneriano, fenômeno que não deixa de ter precedentes históricos”.

Bookchin termina com um toque classista, usando os mesmos termos que Marx usou com desdém ao falar sobre as classes mais baixas. Bookchin, o “bom trabalhador”, deve repreender e castigar os outros. Em um ataque de trabalhismo, Bookchin então joga a carta comum aos esquerdistas e se afunda nas reivindicações do fascismo, colocando de lado a noção de que ele já teve algum argumento real para começar.

Este grito final de “fascismo!” mostra realmente os verdadeiros objetivos de Bookchin aqui. Ele está disposto a usar a ameaça do fascismo para assustar aqueles que podem não ser convencidos a obedecer ao terminar a leitura. Esta declaração final ilustra perfeitamente o autoritarismo mascarado de anarquismo que Bookchin exemplifica.

“Siga meus planos ‘organizados’ e ‘coerentes’, ou você é um fascista!” ele berra.

OK Bookchin...

Biblioteca Anarquista



No Wing
OK Bookchin
12/11/2019

Adquirido em 22/08/2020 de <https://medium.com/@NoWing/ok-bookchin-7410e5f9f1ff>
Texto encontrado na versão de língua inglesa desta biblioteca, The Anarchist Library, e traduzido por
contraciv, usando a versão traduzida por Felipe Corrêa e Alexandre B. de Souza do texto de Bookchin
nas citações.

bibliotecaanarquista.org